

O estudo das ordens sociais Pré-Colombianas por meio da iconografia: Algumas chaves interpretativas¹

Javier Natri*

NASTRI, J. O estudo das ordens sociais Pré-Colombianas por meio da iconografia: Algumas chaves interpretativas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 20: 23-31, 2015.

Palavras-chave: Iconografia Calchaquí

As propriedades e características das ordens sociais Pré-Colombianas constituem um problema de primeira ordem na arqueologia pré-histórica americana, tanto pelo fato de que a organização social conforma um tópico central no conhecimento de qualquer sociedade e na história em geral quanto à medida que essa questão determina, consideravelmente, as inferências que se podem fazer sobre o registro arqueológico, a fim de se reconstruir o panorama de um determinado momento do passado. O caráter figurativo da arte de Santa Maria, ao lado da grande profusão de motivos que a caracteriza e sua larga duração temporal, são elementos que ensejam a oportunidade de examinar as trajetórias históricas de motivos associados a conceitos de extrema importância nas cosmologias e ordens sociais aborígenes, tais como ancestralidade, xamanismo, guerra, sacrifício, prestígio e autoridade. Meu interesse, aqui, é referir-me ao método com o qual abordamos a evidência iconográfica calchaquí, com o fito de expor algumas das chaves interpretativas no estudo das imagens. Trata-se de uma evidência que proporciona um aglomerado de informações

amplíssimo, mas sumamente ambíguo. Assim, considero que é necessário dedicar esforços à determinação dos elementos que explicam a variação nos distintos níveis de significação, a fim de reduzir aquela ambiguidade e produzir resultados relevantes para o conhecimento do período em questão. Esse é conhecido como Intermediário Tardio, Tardio ou de Desenvolvidos Regionais na literatura arqueológica da subárea dos vales serranos do noroeste argentino, nos Andes Meridionais. Abarca o lapso de tempo entre os séculos XI e XV de nossa era. Trata-se da época de emergência dos centros populacionais construídos em pedra, que congregavam milhares de pessoas entrincheiradas nas faldas, ao pé e ao cume das montanhas, cujo objetivo era defenderem-se de ataques inimigos, uma vez que era a proximidade às zonas de cultivo nos fundos dos vales que permitiam sustentar grande parte da população.

Vocabulários iconográficos e ontologias da práxis

O recentemente falecido arqueólogo argentino Alberto Rex González propôs, no estudo da iconografia das placas metálicas da América do Sul (González 1992), a confecção de vocabulários iconográficos que constituem uma espécie de inventário dos motivos e variantes que

(*) CONICET - Fundación Azara, Universidad Maimónides / Universidad de Buenos Aires

(1) Tradução: Lúcio Menezes Ferreira. Departamento de Antropologia e Arqueologia, UFPel; pesquisador do CNPq

implicam, para cada um deles, uma descrição com critérios determinados². Tanto a definição quanto a delimitação de temas e motivos é matéria de opinião, e é inevitável que traga consigo uma boa dose de arbitrariedade. Porém, a formulação prévia do vocabulário contribui para o reconhecimento de relações significativas numa fase seguinte, dado que estas não poderão atribuir-se a uma ação intencional do analista por embasarem-se numa organização prévia ao ato de compreensão final.

No vocabulário iconográfico empregado pela imagética de Santa Maria (Nastri 1999) reconhecemos claramente serpentes, humanos, batráquios e emas. A similitude de sua representação com nossas maneiras de representar permite englobar essas figuras dentro do modelo do “mesmo” (Nastri e Stern Gelman 2011). De fato, tais figuras são habitualmente descritas como formas de representação “naturalistas”, em contraste com outras de caráter “fantástico”. Naturalista é, precisamente, o modo de conceber a relação com a animalidade no contexto cultural ocidental moderno, segundo a recente formulação sintética de Descola (2012). O *naturalismo* se caracteriza por conceber a *fisicalidade* como contínua entre as distintas espécies animais, enquanto existe uma descontinuidade entre o plano da consciência ou interioridade: os humanos têm consciência, os animais, não. Trata-se do reverso do animismo, conhecido por ressaltar a continuidade, no plano da consciência, entre espécies cujas diferenças implicam a descontinuidade no plano da fisicalidade. Os animais também têm consciência nesta visão, independentemente de se agruparem em espécies diferentes. Continuidades em ambos os planos – o da fisicalidade e o da interioridade – definem a concepção totêmica de realidade, na qual os integrantes de um clã têm continuidade tanto física quanto interior com a espécie do animal totêmico e, simultaneamente, descontinuidade em ambos os planos com os membros de outros grupos/espécies. Por último, Descola define o *analogismo* como o reverso do totemismo, na medida em que só se reconhecem descontinui-

dades em todos os planos. Descontinuidades que devem ser superadas mediante recursos como a plástica, na qual se desenrolam analogias formais que permitem reconciliar a multiplicidade de entidades que compõem o mundo.

O postulado de Descola a propósito do analogismo é muito sugestivo no momento de observar outras imagens de Santa Maria que não se encaixam no modelo do mesmo (nosso naturalismo): por exemplo, o caso das sobranceiras, cujos extremos terminam em cabeça de serpente (figura 1). Esse é o caso, também, da Lança de Chavín (Rowe 1962), em que há um uso metafórico de motivos ou partes de motivos, relacionando-os com serpentes nas imagens de Santa Maria. Considerando-se a possibilidade de que os calchaquí participaram da ontologia da práxis



Fig. 1. Peça nº 563 (doravante, p.563), reserva técnica nº VC 5947 ou 3647 do Museu Etnológico de Berlim (procedência desconhecida), na qual se aprecia como as sobranceiras da figura central apresentam, em suas extremidades, cabeças de serpentes, à maneira dos *kennings* descritos por Rowe (1962).

(2) Como em outros aspectos de sua trajetória intelectual, González seguiu o caminho traçado por Antonio Serrano em seu *Manual da Cerâmica Indígena* (Serrano, 1953)

analogista³, os motivos referidos encontram sua explicação no marco da arquitetura interna dos textos icônicos de Santa Maria. Pois bem, mas se tudo se parece, como ordenar o corpus de motivos para compreender seu significado? Aqui entra em cena o método de análise estrutural desenvolvido por Lévi-Strauss.

O método estrutural como instância de análise

A análise estrutural constitui, para Ricouer, a instância de mediação entre a interpretação ingênua inicial e a compreensão objetiva: “Através do método semiótico, suspendemos as significações do texto e tentamos reconstruir sua arquitetura interna. Segundo Ricouer, é o conhecimento da estrutura interna, ou da coerência lógica do texto, que permite afirmar que explicamos o texto, ainda que não o tenhamos compreendido” (Uhlin 1991:171)⁴.

Se cada mito era dissecado em uma sucessão de motivos organizados em colunas conforme sua pertença a uma categoria paradigmática (Lévi-Strauss 1968:194), os motivos iconográficos de cada peça podem ser comparados termo a termo com os de outras vasilhas em série, não sob a base de sua posição na história mítica, mas, sim, em seu espaço de representação na peça, dada a repetição de um mesmo esquema geral em cada exemplar (Serrano 1953:146). Desse modo, comparando-se duas peças, poder-se-á atinar se posições *sintagmáticas* homólogas dispõem de um mesmo motivo ou o *permutaram* por outro (Lévi-

-Strauss 1992:45). Lévi-Strauss usava, às vezes, o termo transformação para referir-se a essas mudanças, contudo, para efeitos de adaptação do método ao meio iconográfico, é conveniente outorgar a cada termo um significado único e específico⁵. Pois no marco da investigação hermenêutica crítica, a análise estrutural é um meio que permite abordar a evidência sobre a qual não se alcançou uma compreensão cabal⁶. Por esta razão, e tendo-se em conta o modo por que a cosmologia afeta a representação, é útil introduzir outros termos adicionais. Se um motivo tem uma variação que modifica, em parte, sua referência (agregando-lhe um sentido ausente nas versões conhecidas), diremos, com Gadamer, que está *alterado* (Gadamer 1977:155). Considerá-lo uma transformação ou permutação seria, a princípio, um erro que se arrastaria ao restante da análise, pois poderia ser o caso, de acordo com a ontologia analogista, de um *kenning* – comparação por substituição (Rowe 1962) – que não implicaria a mudança de significado do motivo: os pelos da Lança de Chavín não deixam de sê-lo pelo fato de serem substituídos por serpentes.

A alteração ressaltada num motivo ao largo de uma série poderia tratar-se, também, daquilo que Lévi-Strauss chamava de “esclarecimento de motivo” (Lévi-Strauss 1992:189); isto é: a adição de um detalhe que se omitia em outras versões por ser desnecessário para uma audiência que conhece plenamente o significado, mas que pode ser crucial para o analista. Temos, aqui, o caso do motivo do “cordão quebrado” (figura 2), que algumas vezes aparece alterado com uma cabeça de serpente. Sem esta cabeça, se trata de um motivo “abstrato-geométrico”, que poderia representar as ataduras de um fardo funerário (Velandia Jagua 2005:117-188); pois sempre está no ombro das urnas, rodeado de outros motivos abstrato-geométricos, como os que se usavam

(3) Não esqueçamos que cada uma das ontologias da práxis dificilmente se encontra vigente de forma exclusiva. Elas convivem entre si, com diferente peso relativo. Uma prática de caráter analogista tal qual a astrologia está presente num contexto naturalista, como no caso de nossa sociedade. Porém, sem dúvida que a predominância de um tipo de representação é indicativa da presença de uma ontologia da práxis particular. A identificação desta resulta crucial para clarificar os distintos planos de texto nos quais focar a atenção segundo nosso interesse.

(4) Nesse sentido, deve-se destacar o descobrimento de diversos tipos de relações duais em objetos da etapa agroceramista do noroeste argentino, feitas por González em seu livro *Arte, estructura, arqueología* (González 1974)

(5) Por exemplo, Lévi-Strauss se interessava, particularmente, pelo que, em certas passagens, chama de “estados finais de transformação”, nos quais se apreciava uma inversão dos valores e relações expressas na primeira versão do mito considerado (Lévi-Strauss 1992:197, 202 etc.).

(6) Para Lévi-Strauss, contudo, as estruturas mentais binárias constituem uma premissa que a análise estrutural busca confirmar.

nos têxteis que cobriam a cabeça das múmias; e idênticos, também, aos motivos que figuram na roupa nos corpos das urnas (figura 3). Se a cabeça de serpente adicionada fosse, em alguns casos, um mero *kenning*, então poder-se-ia manter a interpretação das vasilhas fase 0 (figuras 2 e 4) como representativas de mortalhas. Em contrapartida, se se tratasse de um “esclarecimento de motivo”, o sentido do mesmo poderia ser outro e a mencionada interpretação poderia perder valor.



Fig. 2. p.1228, reserva técnica n° 88753 do Museu Etnológico de Viena (procedente do vale de Santa Maria), na qual se observa o motivo do cordão quebrado no ombro da urna, alterado na cabeça de serpente.

Finalmente, reservamos o termo transformação⁷ para aludir ao estado final de uma sequência de mudanças (alterações, permutações), no

(7) Lévi-Strauss usava o termo como sinônimo de permutação (Lévi-Strauss 1992:95, 144-145).



Fig. 3. p.1190, reserva técnica n° 88751 do Museu Etnológico de Viena, no qual se aprecia o motivo de tabuleiro no corpo da figura de largas sobrancelhas, como provável representação do desenho de têxteis.

qual o ponto de chegada é algo completamente diferente do ponto de partida, pois mantém com este uma relação de complementaridade lógica – como no caso das versões dos mitos de Lévi-Strauss – ou de mudança histórica – como revelam habitualmente as seriações cerâmicas em arqueologia. Desta maneira, alterações, permutações e transformações são relações entre motivos que podem operar em distintas escalas: campos de desenho, peças de um mesmo gênero, estilos etc. Dispondo de uma terminologia para referir-se aos motivos e suas relações, é possível abordar a evidência empírica buscando vincular a arquitetura interna das imagens com os valores culturais que derivam tanto dos temas quanto dos procedimentos retóricos em jogo (Nastri e Stern Gelman 2011:30-31). A seguir, referir-me-ei a dois exemplos, centrando-me nos aspectos temáticos.



Fig. 4. p.1198, repositório n° 89049 do Museu Etnológico de Viena, com o motivo do tabuleiro no ombro da urna.

Ancestralidade e ornamentos cefálicos em fragmentos

Um fragmento indubitavelmente correspondente às peças fase zero em que se representaria uma mortalha (figura 5) foi achado no sítio *Morro del Fraile*, no interior da *Sierra del Cajón*, em Catamarca (Argentina). Este local foi ocupado desde a época da transição ao período Intermediário Tardio, com antecedentes ainda mais recentes. Restos de carvão da mesma unidade estratigráfica onde se recuperou o fragmento foram datados entre 1031 e 1261 AD, calibrando-se a datação com dois sigmas (Natri et al 2012). O motivo que se pode reconhecer no fragmento é o tabuleiro branco e negro no ombro. Na amostra formada a partir das peças de Santa Maria conservadas em 12 museus, em outras reservas técnicas da Argentina e cinco museus do exterior, contamos com, pelo menos,

20 peças com decorações em tabuleiro no ombro. O perfil do fragmento e a orientação dos anéis de pasta permitem estabelecer, também, que corresponde ao ombro de uma urna. Estas 20 peças⁸ procedem do vale de Santa Maria e da zona oriental ou de Santa Bárbara/Pampa Grande. Pois bem, se atentarmos para o fato de que no fragmento em questão o tabuleiro não inclui a cor vermelha e não apresenta separação entre as fileiras diagonais de compartimentos negros, a amostra de peças inteiras similares reduz-se a somente 6 exemplares: 5 do vale de *Santa María* (4 de procedência indeterminada dentro do vale e uma procedente da localidade de *Fuerte Quemado*)⁹ e uma procedente de *Ayuza*¹⁰, na zona oriental de dispersão do estilo, chamada Pampa Grande ou Santa Bárbara (Natri 2008).

Todos os casos de urnas com tabuleiro no ombro da variedade *Yocavil* – para a qual existe uma seriação desenvolvida, inicialmente, por Weber (1978) – correspondem ao que Podestá e Perrota (1973) classificaram como *fase 0*. Podemos associá-la, aqui, a uma data não muito antiga como aquela assumida na seriação, mas, ainda assim, como antiga. Se as urnas fase 0 representam múmias, então não cabem dúvidas que desde o início do Intermediário Tardio o conceito de ancestralidade tinha um papel relevante no culto antigo. Durante o período anterior começaram a utilizar urnas antropomorfas – correspondentes ao estilo *Ambato tricolor* (González 1998:211) –, porém, sempre referidas a indivíduos completos (isto é, com representação de extremidades inferiores) e com expressão viva. González contextualizou interessantes peças de madeira com forma humana do vale de *Santa María*, as quais se exumaram com outras varas de madeira que as crônicas da época da conquista consignam que eram usadas para invocar proteção nas entradas dos povoados e nos campos cultivados (González 1983).

(8) p.38, p.78, p.265, p.272, p.273, p.463, p.550, p.604, p.617, p.641, p.660, p.760, p.813, p.819, p.831, p.838, p.842, p.873 (Natri et al 2009), p.1219 y p.1198.

(9) p.463, p.641, p.760, p.842, (Natri et al 2009), p.1219 y p.1198.

(10) p.842 (Natri et al 2009).

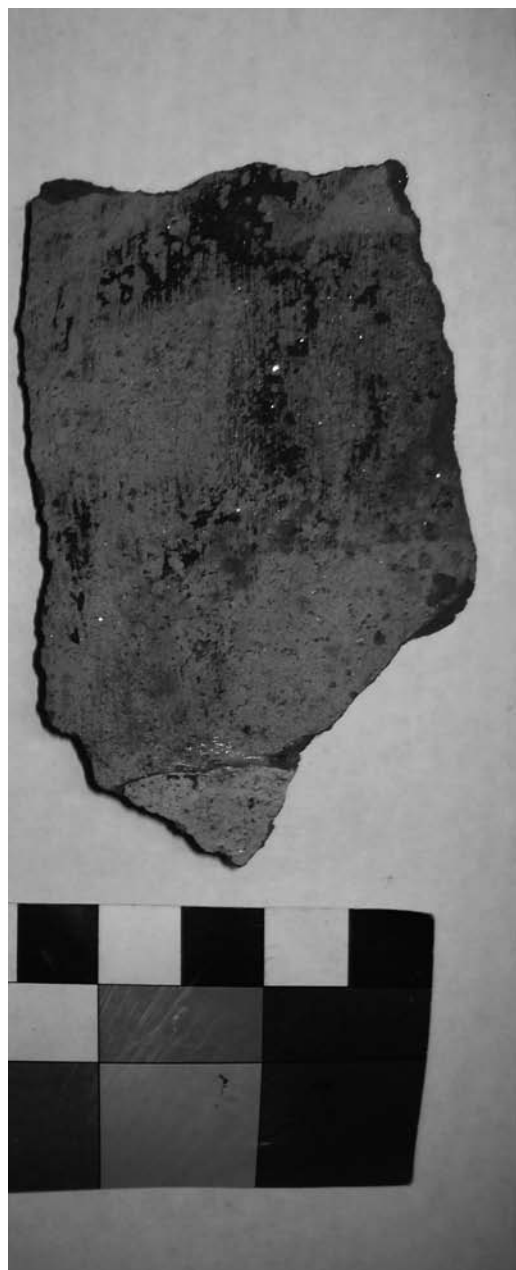


Fig. 5. Fragmento do ombro de urna de Santa Maria encontrada na parte inferior do sítio Morro del Fraile 1 (Catamarca, Argentina), na qual se identifica o motivo de tabuleiro (fragmento n° 777).

As urnas *Santa María* fase zero, temporalmente contíguas às anteriores, dentro de uma área culturalmente relacionada – no Morro del Fraile

a ocupação Aguada subjaz à de Santa Maria – poderiam representar uma espécie de “esclarecimento do motivo” antropomorfo das urnas Ambato tricolor. Aqui, então, um conjunto de permutações daria como resultado uma *equivalência* de significado; sendo o último conceito levi-straussiano (Lévi-Strauss 1992:198) que faltava introduzir em nossa análise.

Nielsen define o culto aos antepassados como “um conjunto de práticas religiosas que permitem a intervenção dos mortos nos assuntos dos vivos” e que constitui “uma forma de memória coletiva que se encontra em muitas sociedades (Nielsen 2007:52). Isbell, por seu turno, assinala que à medida que os mortos representam o passado estão revestidos da autoridade da tradição (Isbell 1997:15). As urnas da fase zero, na medida em que representam múmias, tornam visível a importância dos ancestrais e permitem sua vinculação, em primeiro lugar, com as representações humanas das fases seguintes e, em segundo lugar, com as representações dos corpos inteiros das urnas Ambato tricolor. Tendo-se um conjunto de urnas antropomorfas, a identificação da permutação do rosto da *figura de sobrancelhas largas* (Nastri 2008) por uma cabeça coberta de têxteis pode ser bem interpretada nos termos de uma equivalência de sentido – um “esclarecimento” do motivo antropomorfo: o mesmo representaria um antepassado em todos os casos – ou como uma etapa na qual se vinculava as urnas com o culto aos ancestrais, sendo logo deixada de lado em favor da representação de outros aspectos. O certo é que, como discutido abaixo, no mesmo sítio do *Morro del Fraile* temos, com uma data mais tardia, a representação da figura de sobrancelhas largas cujo rosto, com toda probabilidade, está “desperto”.

O segundo fragmento cerâmico que consideramos (figura 6) consiste numa parte da borda de uma urna de Santa Maria, recuperada em outra quadrícula do mesmo sítio, em menor profundidade e associada a uma datação de 1210-1380 dC. Neste fragmento se pode divisar um cordão pontado e curvo sobre a extremidade da borda, depois um espaço branco, uma linha negra completa e curva e debaixo dela dois triângulos, também completos e de cor negra. Graças ao conhecimento das peças inteiras sabemos que este

é um recurso para a geração de um motivo em negativo (figura 3) que, na falta de outro nome, temos denominado como “sobrerrostos” (Natri 2008). Este motivo remete à representação de peles de animais esfolados, excepcionalmente um puma, quase sempre uma ave e que podemos associar a um dispositivo especial, de caráter ritual, do tipo xamânico (Natri 2008).

Ao contrário das representações de tabuleiros, o motivo dos sobrerrostos não se restringe uma só fase, mas abarca as fases I a III, igualmente ao conjunto de motivos que não abordaremos aqui por razões de espaço e que tratamos em outro lugar (Natri et al 2009): aqueles referidos a adornos faciais, tais como máscaras, narigueiras e olhereiras; elementos sumamente indicativos, também, no que se refere às antigas ordens sociais aborígenes.

Da explicação à compreensão

Da integração dos dados de fragmentos achados em escavações controladas com aqueles provenientes de coleções de museus com escassa ou nula informação contextual, resultam dois fatos relevantes sobre a antiga ordem social calchaquí: 1) há uma precedência temporal da expressão do conceito de ancestralidade na forma das imagens de múmias; 2) tais expressões não se limitavam ao contexto mortuário, mas estavam presentes na vida cotidiana. O primeiro ponto é coincidente com o postulado pelas autoras que completaram a seriação de Santa Maria originalmente formulada por Ronald Weber em relação às urnas da fase 0 (Podestá y Perrota 1973), mas não podemos assegurar que contemporaneamente a estas não se produziram



Fig. 6. Fragmento da borda de uma urna de Santa Maria encontrada na parte inferior do sítio Morro del Fraile 1 (Catamarca, Argentina), na qual se identifica o motivo de sobrelhas de triângulos que conformam os “sobrerrostos” negativos como os das figuras 2 e 3 (fragmento n° 903).

e consumiram também vasilhas que tiveram a representação do rosto da figura de sobranças largas. Isto porque a quantidade total de vasilhas com representações de mortalhas – ainda que adotemos o critério mais vago de reconhecimento do motivo no ombro – aparece como muito baixa para cobrir o lapso temporal que se lhes atribui a uma fase. Contudo, este é um tema que também excede os objetivos do presente trabalho.

O segundo ponto tem importância fundamental, pois alude às condições da situação comunicativa em meio as quais circulavam as imagens de Santa Maria e isto é, sem dúvida, determinante na interpretação de seu significado. Se as urnas eram utilizadas previamente na vida cotidiana, então sua função pôde ser a de armazenar algum alimento ou líquido fundamental à subsistência, com o qual o personagem representado poderia vincular-se a outros seres antes que com os parvos que as albergariam logo num segundo uso. Desse modo, as representações nas urnas poderiam aludir a figuras protetoras dos alimentos na figura de ancestrais, personagens de importância como antepassados, chefes, guerreiros ou xamãs. As imagens calchaquí, assim, nos brindam com uma via de entrada para compreender as distintas categorias de hierarquia e função que existiram no passado. As urnas constituem um *continuum* de repetição de um arranjo de elementos, com variantes que lançam luz acerca dos atributos e características das figuras centrais, as quais puderam variar tanto sincronicamente quanto diacro-

nicamente. Para elucidar quando as variações são meras explicitações ou simplificações de um mesmo significante, ou quando implicam a mudança de sentido, é que apelamos à tríade permutação, alteração e transformação, dada a complexidade da tarefa no marco de uma cosmologia analogista, na qual as variações metafóricas são onipresentes.

Busquei expor uma série de chaves interpretativas para o estudo das ordens sociais Pré-Colombianas a partir da evidência iconográfica. Esta põe de manifesto, no passado, os conceitos de ancestralidade, xamanismo e status. O refinamento do conhecimento sobre sua trajetória espacial e temporal e de seus contextos de aparição possui, sem dúvida, enorme potencial para a elucidação das perguntas sobre a antiga ordem social calchaquí. Penso que as chaves interpretativas exploradas podem, também, ser úteis para o estudo de outros contextos americanos, nos quais há copiosas manifestações iconográficas conservadas através dos tempos.

Agradecimentos

Ao amigo Lúcio Menezes Ferreira, por sua gentil tradução do original em espanhol. Aos organizadores da semana de arqueologia, pelo convite para participar de tão estimulante experiência e, especialmente, à Milena Acha e Tiago. À Claudia Augustat, do Museo de Viena, por facilitar meu trabalho com a coleção Schreiter.

NASTRI, J. The study of social order Pre-Columbian iconography through some keys interpretative. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 20: 23-31, 2015.

Keywords: Iconography Calchaquí

Referências bibliográficas

- DESCOLA, P.
2012 *Más allá de naturaleza y cultura*. Buenos Aires, Amorrortu.
- GADAMER, H. G.
1977 *Verdad y método*, vol. 1. Barcelona, Sígueme.
- GONZÁLEZ, A. R.
1974. *Arte, estructura y arqueología*. Buenos Aires, Nueva Visión.
1983 Nota sobre religión y culto en el Noroeste Argentino prehispánico. *Baessler-Archiv*, Neue Folge Band XXXI: 219-279.
1992 *Las placas metálicas de los Andes del Sur. Contribución al estudio de las religiones precolombinas*. Philipp von Zabern, Mainz am Rhein.
1998 *Cultura La Aguada. Arqueología y diseños*. Buenos Aires, Filmediciones Valero.
- ISBELL, W.
1997 *Mummies and Mortuary Monuments: A postprocessual prehistory of Central Andean Social Organization*. Austin, University of Texas Press.
- LEVI-STRAUSS, C.
1968 *Antropología estructural*. Buenos Aires, Eudeba.
1992 *Historia de linces*. Anagrama, Barcelona.
- NASTRI, J.
1999 El estilo cerámico santamariano de los Andes del Sur (Siglos XI a XVI). *Baessler-Archiv*, Neue Folge 47:361-396.
2008. La figura de las largas cejas de la iconografía santamariana. Chamanismo, sacrificio y cosmovisión calchaquí. *Boletín del Museo Chileno de Arte Precolombino* 13 (1): 9-34.
- NASTRI, J. Y L. STERN GELMAN.
2011 Lo mismo, lo otro, lo análogo. Cosmología y construcción histórica a partir del registro iconográfico santamariano. *Boletín del Museo Chileno de Arte Precolombino* 16(2):27-48.
- NASTRI, J., L. STERN GELMAN Y L. TULISSI.
2009 Símbolos de poder en el contexto de una sociedad pre-estatal. Indicios en el arte mortuario calchaquí. En M. Campagno (Ed.) *Parentesco, patronazgo y estado en las sociedades antiguas*, pp. 297-340. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras.
- NASTRI, J.; V. COLL MORITAN Y C. BELLOTTI LÓPEZ DE MEDINA.
2012 El Intermedio Tardío en la Sierra del Cajón (provincia de Catamarca). Avance de las investigaciones en Morro del Fraile. *Estudios Sociales del NOA*, nueva serie 12:81-110.
- NIELSEN, A.
2010 *Celebrando con los antepasados*. Buenos Aires, Mallku.
- PODESTÁ, C. Y E. B. PERROTA.
1973 Relaciones entre culturas del noroeste argentino. San José y Santa María. *Antiquitas* 17: 6-15.
- ROWE, J. R.
1962 El arte de Chavín; estudio de su forma y su significado. *Historia y cultura* 6: 249-275.
- SERRANO, A.
1958 *Manual de cerámica indígena*. Córdoba, Assandri.
- UHLIN, R.
1990 *Antropología y teoría social*. México, Siglo XXI.
- VELANDIA JAGUA, C.
2005 *Iconografía funeraria en la cultura arqueológica de Santa María*, Argentina. Olavarría, Incuapa.
- WEBER, R.
1978 A seriation of the late prehistoric Santa Maria culture of Northwestern Argentina. *Fieldiana Anthropology* 68: 49-98.